

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 16 | Nº 47 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.10207043>



ANÁLISE DAS ESPECIFICIDADES DE ESTUDANTES-MÃES DE CURSOS SUPERIORES¹

Raiane Rodrigues Costa Alves²

Fábia Bruna de Oliveira Liandro³

Claudia Correia da Silva Barros⁴

Fausto de Melo Faria Filho⁵

Resumo

A crescente presença das mulheres no mercado de trabalho é um avanço significativo, mas é acompanhada por uma carga desproporcional de responsabilidades, já que a maioria das tarefas domésticas ainda recai sobre elas. Essa sobrecarga se intensifica quando essas mulheres se tornam mães, pois a maternidade traz desafios exclusivos, como a gestação, o aleitamento e os cuidados com os filhos, tudo isso enquanto continuam a lidar com suas outras obrigações. Desta forma, a busca por uma formação profissional em paralelo à maternidade apresenta inúmeros desafios. No entanto, a educação desempenha um papel fundamental na capacitação das mulheres, abrindo portas para espaços sociais mais valorizados. A finalidade deste estudo consiste em conduzir uma busca ativa junto às estudantes-mães matriculadas nos cursos de graduação do Instituto Federal Goiano (IF Goiano) – Campus Ceres, com o intuito realizar um levantamento do perfil destas mulheres e de coletar relatos acerca dos desafios enfrentados ao longo de seu percurso formativo. Dessa maneira, almeja-se dar visibilidade a questões não abordadas e contribuir para um plano de acesso, permanência e êxito desse grupo específico. O estudo conduzido teve uma abordagem aplicada com uma combinação de métodos qualitativos e quantitativos. Seus objetivos eram de natureza explicativa e exploratória, com a coleta de dados ocorrendo em contexto de campo. Para levantamento de dados, foi aplicado um questionário semiaberto via Google Forms e o contato foi estabelecido, individualmente, via redes sociais, por meio da plataforma Whatsapp. O estudo revela que, apesar do progresso na conquista de espaços e direitos pelas mulheres, a igualdade de gênero ainda não é uma realidade concreta. Mulheres que são estudantes-mães no IF Goiano – Campus Ceres enfrentam desafios significativos devido à sobrecarga de trabalho doméstico e materno, dificultando a conciliação entre vida pessoal, profissional e acadêmica. A predominância de cursos noturnos sugere limitações no acesso a cursos em período integral. Embora a instituição demonstre comprometimento com a diversidade, persistem casos de preconceito e estigmatização, exigindo a implementação de programas de formação para os servidores. Em conclusão destaca-se a necessidade de políticas institucionais para apoiar a permanência e o êxito das estudantes-mães, visando uma reflexão sobre ações necessárias para garantir a equidade no contexto universitário.

Palavras-chave: Desigualdade de Gênero; Estudantes; Formação Acadêmica; Mães.

Abstract

The growing presence of women in the job market is a significant advance, but it is accompanied by a disproportionate burden of responsibilities, as the majority of domestic tasks still fall to them. This burden intensifies when these women become mothers, as motherhood brings unique challenges, such as pregnancy, breastfeeding and childcare, all while continuing to deal with their other obligations. Therefore, the search for professional training in parallel to motherhood presents numerous challenges. However, education plays a fundamental role in empowering women, opening doors to more valued social spaces. The purpose of this study is to conduct an active search among student mothers enrolled in undergraduate courses at the Instituto Federal Goiano (IF Goiano) – Campus Ceres, with the aim of carrying out a survey of the profile of these women and collecting reports about the challenges faced throughout their training journey. In this way, the aim is to give visibility to unaddressed issues and contribute to a plan for access, permanence and success for this specific group. The study conducted took an applied approach with a combination of qualitative and quantitative methods. Its objectives were explanatory and exploratory in nature, with data collection occurring in a field context. To collect data, a semi-open questionnaire was applied via Google Forms and contact was established, individually, via social networks, through the Whatsapp platform. The study reveals that, despite progress in gaining spaces and rights for women, gender equality is still not a concrete reality. Women who are students mothers at IF Goiano – Campus Ceres face stressful challenges due to the overload of domestic and maternal work, making it difficult to reconcile personal, professional and academic lives. The predominance of evening courses suggests limitations in access to full-time courses. Although the institution demonstrates commitment to diversity, cases of prejudice and stigmatization persist, requiring the implementation of training programs for employees. In conclusion, the need for institutional policies to support the permanence and success of students mothers is highlighted, leading to a reflection on actions implemented to guarantee equity in the university context.

Keywords: Academic Education; Gender Inequality; Mothers; Students.

¹ Agradecemos ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano pelo incentivo à qualificação acadêmica e profissional.

² Graduada em Ciências Biológicas pelo Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Goiano (IF Goiano). E-mail: raianerodrigues0704@gmail.com

³ Graduada em Ciências Biológicas pelo Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Goiano (IF Goiano). E-mail: fabia.bruna@estudante.ifgoiano.edu.br

⁴ Servidora do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Goiano (IF Goiano). Doutoranda em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. E-mail: claudia.barros@ifgoiano.edu.br

⁵ Professor do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Goiano (IF Goiano). Doutor em Física pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: fausto.filho@ifgoiano.edu.br



INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda as especificidades de mulheres que são mães e estudantes universitárias, fazendo um paralelo com a persistência das desigualdades de gênero ao longo da história, destacando fatores culturais e econômicos, com foco na divisão de tarefas domésticas e discutindo o impacto da maternidade na trajetória profissional das mulheres. A análise se estende à dificuldade enfrentada por estudantes-mães em conciliar maternidade, trabalho doméstico e busca por autonomia profissional.

Embora uma graduação possa ampliar as oportunidades no mercado de trabalho, as estudantes-mães enfrentam obstáculos consideráveis, tais como, a falta de tempo para estudos, perda de aula e atividades avaliativas por questões familiares, falta de concentração por preocupações e cuidados com os filhos e sentimento de culpa devido à redução do tempo dedicado à maternidade. Compreender as particularidades das estudantes-mães é crucial para que as instituições de ensino possam desenvolver estratégias de apoio, buscando facilitar o acesso, a permanência e o sucesso acadêmico destas mulheres.

Para atenuar as questões sociais de discriminação abordadas e para visibilizar o grupo de estudantes-mães com suas especificidades perante as instituições de ensino configura-se o objetivo deste trabalho. Foi realizado uma pesquisa de natureza aplicada, com abordagem mista, quantitativa e qualitativa, com objetivo descritivo e procedimentos de levantamento de dados. Um questionário semiaberto foi aplicado por contato via redes sociais, por meio da plataforma Whatsapp, de forma individual com cada participante. A pesquisa foi realizada no IF Goiano – Campus Ceres, instituição de ensino pública federal localizada no interior do estado de Goiás, onde tem-se cinco cursos de graduação nos quais, cerca de 4% dos discentes são estudantes-mães.

O texto está estruturado em quatro seções distintas para proporcionar uma abordagem organizada e abrangente sobre o tema em questão. A primeira seção, intitulada "Um breve histórico sobre o direito das mulheres à educação", oferece uma contextualização histórica, explorando os marcos e evolução dos direitos educacionais das mulheres. A segunda seção, denominada "Metodologia", detalha de maneira precisa como foram conduzidas as pesquisas, os métodos de coleta de dados e os procedimentos analíticos, garantindo a transparência e a replicabilidade do estudo. O terceiro segmento, intitulado "Resultados e Discussão", apresenta os dados obtidos durante a pesquisa, destacando descobertas relevantes e suas implicações. Por fim, a seção "Considerações Finais" sintetiza os principais resultados, ressaltando a importância das descobertas e refletindo sobre a relevância do estudo no contexto mais amplo.



UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O DIREITO DAS MULHERES À EDUCAÇÃO NO BRASIL

As desigualdades enfrentadas pelas mulheres têm raízes profundas em aspectos históricos e sociais, e persistem devido a fatores culturais e econômicos (FREITAS; SANTOS; JACINTO, 2022). A divisão de tarefas domésticas é um exemplo claro de como essa disparidade se manifesta desde cedo e permeia todos os aspectos da vida das mulheres, abrangendo suas esferas pessoais, acadêmicas e profissionais (GÓES; MACHADO, 2021; KADARKO *et al.*, 2016; MENEZES, 2012; VIEIRA; ANIDO; CALIFE, 2022). Feitosa e Albuquerque (2019) exploram como essas discrepâncias impactam diversos aspectos da vida das mulheres, inclusive dificultando seu acesso à educação. Além disso, estudos revelam que a maternidade tem um impacto negativo progressivo na trajetória profissional das mulheres, correlacionado diretamente com a idade escolar de seus filhos dependentes (MCINTOSH *et al.*, 2012; PINILLA; MUÑOZ, 2005; SAVAGE, 2023).

No Brasil, o acesso legal à alfabetização só foi dado às mulheres por volta do ano de 1585, seguindo o preceito de adestrá-las moralmente, onde só aprenderiam o básico para fazer suas orações e educar seus filhos. Naquela época só aprenderiam o que fosse necessário e útil para cuidar do lar e serem boas anfitriãs. A justificativa era que os homens temiam perder seus lares e casamento se as mulheres fossem esclarecidas e independentes (TAUIL, 2019). Apenas em 1971, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, as mulheres passaram a ter acesso geral e irrestrito à educação (MORAES; SCHWENGBER, 2017).

Por volta dos anos 1950, as mulheres começam a sair de casa para trabalhar, mas apenas se a sobrevivência de sua família dependesse disso e mesmo assim ainda eram abusadas nos ambientes profissionais e excluídas de ambientes sociais. O lugar da “boa mulher” era em casa com os cuidados domésticos, seu trabalho era exclusivamente cuidar da família, não poderiam possuir vida pública (PINTO, 2017). O papel de mãe estava instituído pela sociedade como a cuidadora do lar e da família, ou seja, as responsáveis pelos cuidados dos filhos e por manter seus lares organizados (MARTINS *et al.*, 2014).

Na década de 1970, as mulheres ganharam um maior espaço no mercado de trabalho, e houve uma mudança significativa no entendimento do trabalho. Este passou a ser percebido não apenas como uma maneira de sustentar a família, mas também como uma fonte de bem-estar pessoal e psicológico. No entanto, mesmo com esse avanço, a participação das mulheres no mercado de trabalho ainda enfrentava atrasos devido a questões pessoais, como responsabilidades domésticas e familiares. (SILVEIRA; FLECK, 2017).



Ao final do século XX, as mulheres começaram a trabalhar e buscar sua liberdade financeira. Além dos seus salários serem inferiores aos dos homens, ainda enfrentavam muito preconceito, pois a sociedade julgava a mulher incapaz de conciliar seu trabalho com os cuidados domésticos, alegando que isso resultaria no fracasso do seu matrimônio (FRANCISCANI, 2010). Isso continua a ter impacto nos dias de hoje, com muitas mulheres percebendo como desafiadora a perspectiva de conciliar uma carreira profissional e a busca por ser uma mãe exemplar (MAMABOLO; LANGA; KIGUWA, 2009).

As mulheres hoje buscam respeito sobre o próprio corpo, lutam pelo poder de serem reconhecidas, querem receber salários compatíveis com suas funções, lutam por creches, por educação, por reconhecimento e o direito de não serem diferenciadas pelo seu gênero (CARNEIRO, 2003). A mulher moderna não possui o desejo de ser apenas a mãe de família, ela possui outras necessidades e interesses. Quer se realizar como mãe, mas também deseja ter seu emprego e sua independência financeira (AZEVEDO; ARRAIS, 2006).

Como pôde ser observado, em termos gerais, a sociedade brasileira tem avançado em relação ao diálogo sobre as questões de gênero. Isso pode ser evidenciado, inclusive, pelo Decreto nº 4.377, de 13 de setembro de 2002, que tem como objetivo eliminar toda e qualquer forma de discriminação contra as mulheres. No entanto, a mera existência de normas não é suficiente para garantir a efetividade do cumprimento das leis. A autora Brambilla (2020) demonstra, em seu trabalho, a falta de suporte do sistema de justiça criminal às mulheres em situação de violência, mesmo com a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006) em vigor, que busca proteger as mulheres da violência doméstica e familiar. Além disso, apesar de a lei prever a igualdade de acesso das mulheres à alimentação, saúde, educação, capacitação e emprego, essa equidade ainda não é observada em diversas esferas sociais. Por isso, é fundamental que sejam implementadas políticas públicas, inclusive nas instituições de ensino, para que as estudantes-mães tenham acesso, permanência e êxito em suas formações e possam usufruir dos seus direitos.

Segundo uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2019 as mulheres representaram a maioria da população em idade produtiva e ocuparam cerca de 50% do mercado de trabalho, sendo que este número tem sido crescente. Também foi informado que o número de mulheres que possuíam escolaridade de nível superior era de 4,3% a mais que os homens. A mesma pesquisa mostrou que entre as mulheres que possuem filhos de até três anos, apenas 54,6% estão empregadas.

A educação de nível superior desempenha um papel de grande relevância no aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho. Através do currículo, conquista de títulos e profissionalização, são estabelecidos critérios que contribuem para a redução da discriminação de



gênero. As conquistas educacionais estão diretamente relacionadas ao crescimento profissional (LEONE; PORTILHO, 2018). Embora se observe um aumento na presença das mulheres no mercado de trabalho, é notável que a inserção das mães nesse contexto é um tema pouco explorado, com poucos estudos abordando suas mudanças e processos de profissionalização.

METODOLOGIA

O trabalho foi realizado com um enfoque fenomenológico-hermenêutico por dar ênfase nas relações entre as variáveis e nas percepções do sujeito, evidenciando os significados e as percepções das participantes sobre o fenômeno investigado. Foi realizada análise estatística dos dados e análise das narrativas que permitiram explorar as vivências e as experiências das participantes (TRIVIÑOS, 1987).

A pesquisa realizada teve finalidade aplicada, o que significa que buscou aplicar os conhecimentos adquiridos para resolver problemas específicos da prática ou contribuir para a tomada de decisões. Além disso, adotou-se uma abordagem quali-quantitativa, implicando em dados numéricos e na interpretação de fenômenos explorando perspectivas e experiências. Os objetivos da pesquisa foram tanto explicativos quanto exploratórios, visando compreender relações de causa e efeito e aprofundar o entendimento sobre um tema. Os procedimentos de campo foram adotados, indicando que a coleta de dados ocorreu no ambiente natural. Foi utilizada amostragem por conveniência, em que as participantes foram selecionadas com base na acessibilidade. As participantes deveriam ser mães ou gestantes matriculadas entre 2014 e 2021 nos cursos de graduação do Instituto Federal Goiano - Campus Ceres (TRIVIÑOS, 1987).

Para levantamento das estudantes-mães entrou-se em contato com todos os coordenadores e Centros Acadêmicos dos cursos de graduação. Ao todo, foram vinte e cinco participantes: quatro mulheres do curso de Licenciatura em Química, quatorze do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, duas do curso de Bacharelado em Sistema de Informação, uma do curso de Bacharelado em Zootecnia e quatro do curso de Bacharelado em Agronomia.

Para aquisição de dados foi elaborado um questionário híbrido com questões estruturadas e não-estruturadas não disfarçado que abordava questões específicas às estas estudantes durante o seu percurso formativo (MARCONI; LAKATOS, 1996). A aplicação se deu virtualmente, via serviço de formulário *online*, Google forms, e o contato com as estudantes-mães se deu através da ferramenta de interação virtual Whatsapp. Os dados foram analisados de forma mista, quantitativa e qualitativa baseados em Bauer e Gaskell (2002), Bogdan e Biklen (1994), Gil (1999) e Ludke e André (1986) e outros.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os coordenadores de curso não possuíam informações acerca do quantitativo de estudantes-mães/gestantes, para esse levantamento, portanto, foi necessário recorrer aos Centros Acadêmicos dos cursos. O fato de não haver um controle institucional deste público específico, sugere que suas especificidades não sejam visíveis no ambiente acadêmico. Para Savage (2023), no geral, as universidades precisam reconhecer as mães como um grupo demográfico importante que carece de cuidados específicos e trabalhar para garantir uma experiência mais equitativa a elas.

Um total de 25 mulheres possuíam o perfil para participarem do projeto e todas foram contactadas, sendo que, 100% delas responderam ao questionário da pesquisa, deixando os seus relatos sobre as especificidades e desafios de sua trajetória na acadêmica. A participação de todas as estudantes-mães contactadas demonstra um nítido interesse e engajamento, por parte delas, sobre o tema de estudo. Com o objetivo de preservar a privacidade e identidade das participantes, atribuímos a elas números de 1 a 25 e adotamos uma abordagem numérica na análise de dados e redação do trabalho. O questionário aplicado possuía 13 questões relacionadas à vida pessoal, profissional e acadêmica das estudantes-mães e maneira como cada uma destas áreas se sobrepõem no dia a dia.

Os cursos de licenciatura se destacam por ter o maior número de estudantes-mães. Esse fenômeno é em parte atribuído ao fato de que esses cursos são oferecidos no período noturno, tornando o acesso mais acessível para as mulheres que têm restrições de tempo. Conforme indicado por Martins e Machado (2018), as mulheres tendem a escolher cursos na área de Humanas em vez de cursos na área de Exatas, o que pode explicar a predominância de mães matriculadas em cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas em comparação com a Licenciatura em Química, bem como o menor número de mulheres matriculadas no curso de Bacharelado em Sistemas de Informação, que também é oferecido no período noturno. De acordo com Bergamo *et al.* (2010), a escolha do curso e da instituição de ensino superior é influenciada por diversos fatores, incluindo gênero, situação financeira, idade, reputação da instituição, horário de aulas e duração do curso.

Com relação ao ano de ingresso dessas mulheres, temos em 2017 o ano de maior entrada, com 36% de estudantes-mães ingressantes, seguido por 24% em 2016 e 16% em 2015 e 2018. Não obtivemos contato com nenhuma mãe que ingressou no ano de 2020, e em 2014 e 2021 ingressaram 4% de estudantes-mães.

Das 25 entrevistadas, 68% estavam atualmente matriculadas e ativas em seus cursos, enquanto 28% já haviam completado sua formação. É importante destacar que não foram relatados trancamentos de matrícula, e apenas uma desistência foi registrada. Ao analisar o ano de ingresso e a situação



acadêmica, fica evidente que, apesar das dificuldades enfrentadas, as estudantes-mães demonstram um notável índice de sucesso acadêmico. Em muitos casos, no entanto, elas necessitam de um período de estudo maior do que o recomendado pela matriz curricular para concluírem seus cursos.

A ausência de um sistema que registre o número de estudantes que são mães ou gestantes, seja durante o processo de matrícula ou posteriormente é particularmente relevante, uma vez que o primeiro semestre, em geral, apresenta uma taxa mais elevada de evasão. O levantamento de informações sobre estudantes-mães foi, em sua maioria, obtido por meio dos centros acadêmicos. Isto sugere que o índice de desistência entre essas mulheres pode ser ainda maior do que o indicado pelos registros disponíveis.

Por meio da pesquisa observou-se que 63% das estudantes já eram mães quando iniciaram o curso superior, 26% tornaram-se mães durante a graduação, 7% estavam em processo de gestação durante a pesquisa, 4% já possuíam filho(s) e/ou filha(s) e tiveram outra gestação durante o curso. Conforme evidenciado nos resultados apresentados por Guimarães (2003), historicamente, e de maneira geral, observa-se que as mulheres, tradicionalmente, se casam e iniciam a maternidade em idades precoces, adiando, conseqüentemente, a reflexão sobre suas trajetórias profissionais para fases posteriores da vida. Este cenário, portanto, configura-se como uma realidade social enfrentada pelas instituições de ensino superior diante da inclusão dessas mulheres em seus corpos discentes.

Foi inferido que durante a pesquisa (segundo semestre de 2021) catorze estudantes-mães possuíam apenas um filho, cinco possuíam dois filhos, outras cinco possuíam três filhos e uma mulher estava gestante. Os resultados mostram que mais da metade das participantes possuíam apenas um(a) filho(a), seguindo uma tendência nacional de redução da natalidade.

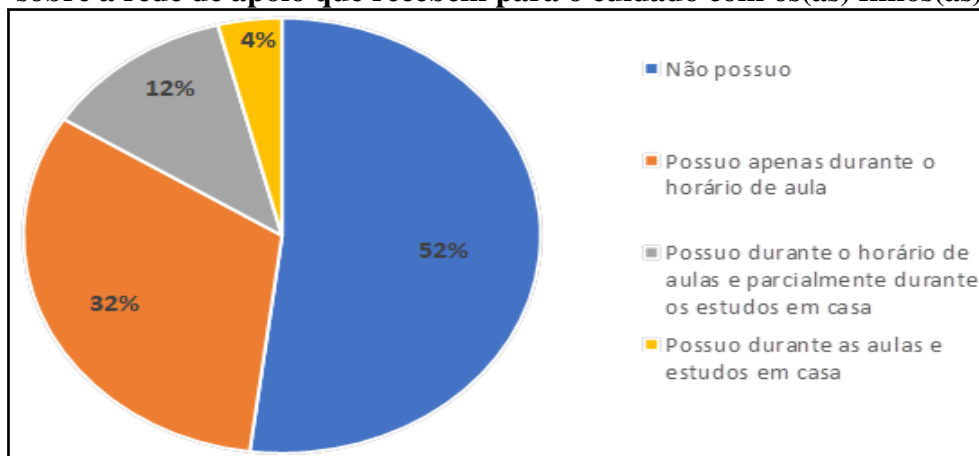
O Gráfico 1 fornece informações valiosas sobre a rede de apoio disponível para as estudantes-mães em relação ao cuidado de seus filhos. Observou-se que 52% delas não contavam com qualquer tipo de auxílio, enquanto 32% recebiam assistência somente durante o período de aulas. Além disso, 12% obtinham ajuda tanto durante as aulas como em casa, e 4% desfrutavam de auxílio contínuo, seja durante suas atividades acadêmicas em casa ou na faculdade.

Na prática, a maioria das participantes demonstrou enfrentar desafios consideráveis ao lidar com a falta de assistência no cuidado de seus filhos, o que tem impactos diretos e negativos em suas vidas acadêmicas. Muitas vezes, elas se veem obrigadas a realizar suas tarefas acadêmicas durante as últimas horas da noite ou até mesmo na madrugada, enquanto seus filhos dormem, resultando em uma falta de descanso adequado e uma sensação de exaustão durante o dia. Conforme destacado por Prates e Gonçalves (2019), após se tornarem mães, as mulheres que optam por continuar seus estudos podem enfrentar uma queda no desempenho acadêmico ou, em alguns casos, até interromper seus cursos devido à falta de suporte para o cuidado de seus filhos. As autoras também enfatizam a importância do apoio



dos professores às estudantes-mães, pois desempenha um papel fundamental em seu sucesso educacional.

Gráfico 1 - Dados referentes ao questionário aplicado às estudantes-mães, onde as estudantes-mães responderam sobre a rede de apoio que recebem para o cuidado com os(as) filhos(as)



Fonte: Elaboração própria.

As estudantes-mães participam como acadêmicas em tempo parcial, mesmo no contexto de sala de aula, embora não haja reconhecimento disto por parte da maioria das universidades. De acordo com Pinilla e Muñoz (2005), quase todas as situações de vida das estudantes-mães impactam negativamente seu desempenho acadêmico. No entanto, quando contam com apoio familiar no cuidado com os filhos, observa-se uma melhoria significativa em seus rendimentos.

Nos depoimentos coletados por meio de respostas abertas no questionário, as participantes 7 e 22 destacaram de maneira evidente a relevância da rede de apoio em suas vidas, ressaltando como essa rede desempenha um papel fundamental em sua formação profissional.

Entrevistada 7: Conciliar a maternidade e a vida acadêmica é algo que depende de muito esforço e sacrifício, pois ambas são marcadas por muitos ciclos e requer a nossa atenção o tempo todo. A maternidade é incrível, porém, quando se deseja ir em busca de seus sonhos e objetivos, temos que abrir mão de algumas coisas. Além disso, as (mamães) sempre acabam dependendo de alguém para deixar as crianças para estudar (principalmente quando as aulas eram presenciais). Eu sou muito grata aos meus familiares, pois com o auxílio deles, estou terminando a tão sonhada graduação.

Entrevistada 22: Fiz uma prova chorando, com minha filha nos braços, mal pude me concentrar... Foi horrível! Me senti inútil, sozinha e tirei uma nota ruim.

Mas infelizmente, muitas vezes a instituição de ensino reproduz as violências socialmente impostas a estas mulheres, também, no ambiente acadêmico, como relata a entrevistada 1.



Entrevistada 1: Além dos desafios da maternidade e da faculdade, ainda preciso enfrentar preconceitos por parte de colegas e alguns professores. Falta de tempo e de dinheiro. Os trabalhos precisam ser realizados depois que as crianças dormem, ou seja, de madrugada. Estudar e ser mãe precisa de dedicação total e não dá para dedicar totalmente a mais de uma coisa.

De acordo com Tauil (2019), mães relataram terem sofrido humilhações ao estarem acompanhadas de seus filhos na universidade. Conforme a autora, há relatos de professores que se recusaram a permitir a entrada de alunas com seus filhos nas salas de aula e/ou não demonstraram disposição para atender suas especificidades. Além disso, há relatos de aulas ministradas de forma abusiva com o objetivo de desencorajar a presença de mães e filhos na universidade. E embora conciliar a maternidade, o trabalho doméstico e os estudos são um grande desafio, a formação acadêmica capacita e aumenta as chances de inserção e crescimento destas mulheres no mercado de trabalho, sendo essenciais para a independência financeira delas.

Silveira (2019) compartilhou em seu estudo as experiências de mães que enfrentaram desafios significativos. Algumas delas desistiram no meio do semestre devido a obstáculos como a falta de aceitação de crianças nas salas de aula, enquanto outras se viram lutando contra um sistema que, erroneamente, sugere que a universidade não é um ambiente adequado para mães.

Seguindo a análise dos dados, observou-se que 92% das entrevistadas moravam com seus(uas) filho(s) e/ou filha(s), que 80% possuem um relacionamento estável com seus companheiros, mostrando que por mais que o imaginário social da figura familiar tem mudado, a maioria destas mulheres reproduzem a configuração familiar tradicional (pai, mães e filhos) no início de suas vidas adultas, ou seja, constituem um lar e suas próprias família antes de buscar por estabilidade profissional e financeira. Como a dedicação à família necessita de zelo e tempo, quando estas mulheres decidem retornar aos seus estudos, ficam sobrecarregadas pelo acúmulo de responsabilidades, como pode-se observar nos depoimentos das entrevistadas 5 e 10.

Entrevistada 5: Parei de estudar quando minha filha mais velha nasceu, retornando 32 anos depois e me tornando avó durante o curso. Tive que mudar minha rotina pra ajudar a cuidar do neto, mas graças a Deus terminei meu curso com sucesso.

Entrevistada 10: Geralmente não tenho tempo pra estudar, com muito custo terminei as matérias e estou com TC e estágio *pra* terminar, que não dá tempo e já adiei duas vezes. É complicado trabalhar, ter filho e estudar, que acaba ficando pra depois.

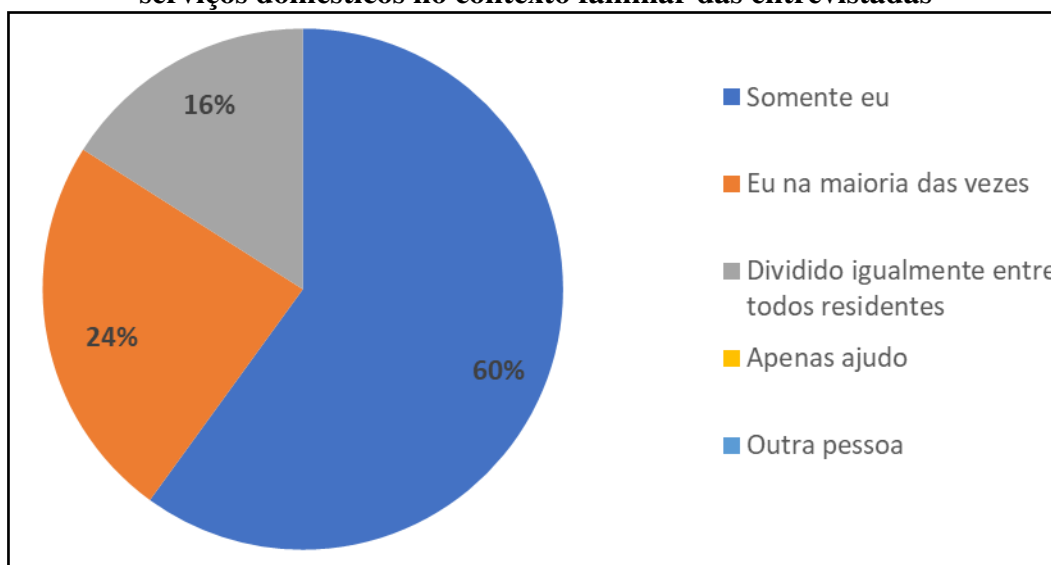
Com relação a divisão dos serviços domésticos e cuidados com a casa mostrados no Gráfico 2, 60% das entrevistadas declararam ser as responsáveis integrais dos deveres com o lar, 24% relataram ser a principal responsável pelos afazeres domésticos e 16% afirmaram que há uma divisão igualitária entre os moradores da casa. Nota-se que além dos estudos e dos cuidados maternos, a maioria das



entrevistadas são responsáveis por uma alta carga de serviços domésticos, o que contribui para o esgotamento físico e mental destas mulheres e consequentemente, baixa no rendimento escolar.

Um grande problema é a invisibilidade de quem executa funções do lar, este é um trabalho que recebe pouco reconhecimento social e apesar de dedicarem muito tempo a ele, não há retornos financeiros (ARAÚJO; PINHO; GUIMARÃES, 2005). Ser mãe e dona do lar é instituído como função social feminina, a qual é totalmente romantizada, enquanto o homem é considerado o provedor natural da casa, sendo assim o trabalho com remuneração fica destinado a eles (COSTA; JESUS; JACINTO, 2022). E como consequência de violar os padrões, as mulheres que se sobressaem e buscam independência são prejudicadas pela sobrecarga das horas trabalhadas (SCHMIDT, 2012).

Gráfico 2 - Dados referentes ao questionário aplicado às estudantes-mães, sobre a divisão dos serviços domésticos no contexto familiar das entrevistadas



Fonte: Elaboração própria.

É possível verificar que a divisão das tarefas domésticas é feita de maneira desigual, onde as mulheres são as principais responsáveis pelos cuidados com a casa. Assim, a quantidade de tempo gasto para realizar essas funções interfere diretamente no tempo de dedicação a outras áreas de suas vidas, como trabalhar fora e estudar. Além da sobrecarga física, a mulher que é mãe tem que lutar contra as imposições sociais para manter-se bem emocionalmente, pois delas é cobrado o cuidado diário para com a família, vista socialmente de uma forma romantizada, e no dia a dia quando esta mulher vai executar suas múltiplas funções, sentem-se culpadas e muitas vezes fazem escolhas em prol do cuidado com os filhos e filhas que podem prejudicar as outras áreas da sua vida (COSTA; JESUS; JACINTO, 2022). De acordo com esta problemática, verifica-se o depoimento da entrevistada 23.



Entrevistada 23: Um dia estava dentro do ônibus indo pra faculdade, tinha prova e apresentação de trabalho e minha irmã me ligou que tinha acidentado meu filho mais velho! Eu já estava na saída da cidade e fiquei sem saber o que fazer na hora! ... Na mesma hora ele me ligou falou que estava tudo bem e eu fui pra faculdade mesmo assim, fiz prova e apresentei o trabalho! Outra vez foi o dia que fiquei de prova final em Bioquímica e tinha a formatura do meu filho mais novo ... fui à formatura da alfabetização do meu filho. E reprovei na matéria enquanto todos que fizeram a prova final passaram.

Apesar da sobrecarga de atividades em suas vidas, muitas mulheres buscam com persistência a profissionalização, motivadas por necessidades econômicas, bem-estar psicológico ou o desejo de conquistar independência. Para elas, o trabalho desempenha um papel fundamental, representando aspectos vitais em suas vidas, e em conjunto com seus estudos, oferece a perspectiva de uma melhor qualidade de vida e estabilidade.

De acordo com Almeida (1998), a educação é uma ferramenta eficaz para que as mulheres possam conquistar a liberdade de escolher o que desejam para suas vidas, saindo do papel social que as limita a serem exclusivamente produtoras de filhos e senhoras do lar. Contudo, a maternidade é uma condição que impõe às mulheres uma jornada de trabalho excessiva, o que pode prejudicar sua formação acadêmica. Muitas estudantes-mães relatam se sentirem exaustas tanto fisicamente quanto psicologicamente, o que interfere em sua capacidade de concentração durante as aulas. Além disso, muitas delas sentem-se culpadas por precisarem deixar seus filhos para estudar. A falta de tempo, a dificuldade financeira e a ausência de suporte para cuidar das crianças são apenas alguns dos muitos obstáculos enfrentados por estas mulheres e Amorim (2012) demonstra em sua pesquisa que muitas delas desistem dos estudos por falta de apoio.

O Gráfico 3 apresenta informações sobre a situação profissional das estudantes-mães, 32% das entrevistadas não possuem qualquer tipo de remuneração, outras 32% trabalham como autônomas, 28% possuem trabalho remunerado e trabalham mais de 30 horas semanais, 4% auxiliam em trabalhos acadêmicos para obter renda e 4% estão desempregadas e buscando alguma forma de se manterem financeiramente. A dificuldade de encontrar um bom emprego já enfrentado pelas mães se intensifica durante o curso superior, o tempo disponível para se dedicarem ao trabalho é reduzido e a oferta de emprego que se encaixa na rotina específica é menor.

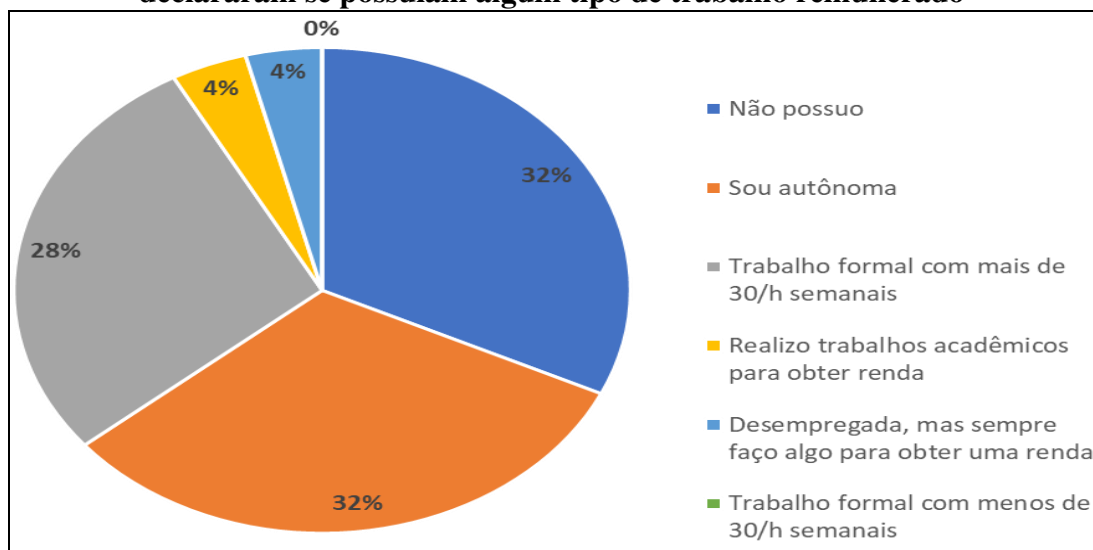
Para as estudantes que já possuem vínculo empregatício, a dificuldade é conciliar a tripla jornada de atividades. Assim, como declara a entrevistada 9, as dificuldades exigem muita determinação para conciliar e persistir nos estudos.

Entrevistada 9: Muitas vezes pensei em desistir! É muito difícil ser mãe, trabalhar fora trabalhar em casa e ainda dedicar aos estudos. A rotina é pesada, poucas horas de sono, muita



preocupação, cansaço mais mental do que físico. Tem dias que parece que *chego* ao limite. É preciso muita força e determinação para não abandonar os estudos!

Gráfico 3 - Dados referentes ao questionário aplicado às estudantes-mães, onde as entrevistadas declararam se possuíam algum tipo de trabalho remunerado



Fonte: Elaboração própria.

Silva (2019) destaca que, apesar de histórias de vida distintas, o dilema da "tripla jornada" - equilibrar trabalho fora de casa, estudos e cuidados domésticos - é um obstáculo comum a todas as mães. A autora evidencia fragilidades no sistema educacional e nas iniciativas de apoio à permanência das mães nas universidades, o que amplia as dificuldades enfrentadas por elas em sua jornada acadêmica. No entanto, Silva também ressalta que, ao superar esses desafios e concluir um curso superior, as mães conquistam melhores condições de vida, um maior entendimento social e político, e, por conseguinte, ampliam suas oportunidades de combater a desigualdade.

Continuando a análise dos dados do questionário, as estudantes-mães relataram alguns de seus sentimentos relacionados a conciliar a graduação e a maternidade, entre eles foram descritos o cansaço, o fracasso, a culpa, a vitória, a realização, a gratidão e a determinação. A culpa foi relatada por 14% das mães e se justificou pela necessidade de renunciar o tempo que passariam com seus filhos e/ou filhas para estudarem ou irem à faculdade. O cansaço foi declarado por 40% das estudantes-mães e é somado a sensação de que poderia render mais nos estudos e nos serviços de casa. Já o fracasso declarado por 8% das entrevistadas está ligado ao fato de sentirem que não fazem nada como deveriam. A determinação foi relatada por 3% das entrevistadas, o que mostra o desejo de concluir o ensino superior apesar dos obstáculos. E ainda 40% das estudantes-mães também declararam se sentirem realizadas, vitoriosas e



agradecidas, pois mesmo precisando fazer sacrifícios ao se formarem percebem que é recompensador. Estes sentimentos podem ser observados nos relatos de algumas entrevistadas.

Entrevistada 4: Foi uma experiência muito gratificante, visto que retomei meus estudos após 20 anos depois de ter me afastado para ser mãe da minha primeira filha. Hoje com 2 filhos retornei. Não foi fácil devido às minhas responsabilidades como mãe, esposa e dona de casa. Mas foi uma das experiências mais maravilhosas que já vivi.

Entrevistada 8: Foi desafiador, conciliar a maternidade com as atividades acadêmicas foi sem dúvidas uma superação. Por mais de dois anos minha filha me acompanhou nas aulas, por não ter com quem deixá-la, na época em que eu e meu esposo fazíamos graduação.

Entrevistada 11: Minha filha participou da minha vida acadêmica desde a gestação, e apressar de passar por preconceitos, olhares tortos a gente foi vencendo e ainda estamos nessa caminhada. Ela é minha companheira e minha Mini química.

Entrevistada 18: Iniciei a graduação em Ciências Biológicas no ano de 2014 e claro, acredito que como a boa maioria das mães estudantes sofri e me culpei por diversas vezes por todos os momentos que "perdi" com meu filho durante minha graduação. Por diversas vezes me pegava pensando e questionando se de fato valeria a pena abdicar de toda a convivência que eu estava abrindo mão com meu filho devido aos estudos (aulas diárias de segundas a sextas-feiras no período noturno). De início sofri mais, pois de fato tudo o que é novo mexe conosco e na boa parte das vezes nos assusta. O que de fato sempre me confortava, era saber que meu filho estava sendo muito bem cuidado (minha mãe ficava com ele), e que eu estava buscando algo (estudo) para que me melhorasse e me desse oportunidades.

As experiências das mães-estudantes são distintas e pessoais, refletindo a singularidade de cada uma delas. Para Mamabolo, Langa e Kiguwa, 2009, o avanço na carreira é algo desejável para o desenvolvimento pessoal das mulheres, mas a possibilidade de seguir a carreira e ser uma “boa” mãe ainda é uma problemática, o que justifica, em muitas, o sentimento de culpa. Os estudos indicam a necessidade de explorar mais a forma como as mulheres jovens estão se posicionando em um ambiente global cada vez mais competitivo.

A entrevista permitiu que as estudantes-mães compartilhassem suas experiências em forma de relato destacando pontos positivos e negativos vividos por elas durante a graduação. Dentre os pontos positivos, destacam-se o amadurecimento intelectual, o sentimento de orgulho e conquista, como pode ser observado nos relatos das entrevistadas 4, 7 e 9.

Entrevistada 4: Durante todo o curso, enfrentei desafios, venci medos, aprendi muito, inclusive que posso tudo que eu quiser. Senti muito orgulho de mim mesma a cada vitória e cada conquista. E consegui!! Consegui me formar em 4 anos sem nenhuma disciplina pendente e com coeficiente alto. O maior prêmio de todo meu esforço e dedicação, foi ter minha família me prestigiando no dia de minha formatura. Uma experiência que não tem preço.

Entrevistada 7: Estou na reta final da graduação, e afirmo que a *acadêmica* marcou positivamente muito minha vida, tanto pessoal, quanto profissional. A jornada não foi e nem está sendo fácil, mas percebo o quanto eu pude amadurecer durante todos esses anos.

Entrevistada 9: Acredito que o curso me proporcionou muitas experiências que me fizeram crescer intelectualmente! O que acho mais positivo é o fato de eu servir como incentivo para



outras pessoas (colegas já me disseram que não desistiram do curso pois se inspiram na minha força de vontade e dedicação). Também acredito que serei um bom exemplo para minha filha uma vez que valorizo muito os estudos. Não menos importante, ganhei amigos que pretendo levar para a vida toda.

Como visto anteriormente, para Mamabolo, Langa e Kiguwa, 2009, conquistas no âmbito acadêmico e profissional trazem satisfação pessoal para as mulheres modernas. Os pontos negativos mais citados foram o preconceito e os julgamentos enfrentados durante o curso, a culpa que carregam por precisarem trocar tempo com seus filhos para irem à faculdade e o cansaço por possuírem tantas responsabilidades e a falta de apoio para continuarem os estudos. No depoimento das entrevistadas 1, 2 e 14 foi possível notar que o apoio da instituição de ensino ou a falta dele, marca a formação acadêmica das estudantes-mães.

Entrevistada 1: É triste os olhares dizendo que não estou onde deveria. Já ouvi de um professor que devia ter pensado e evitado engravidar se queria estudar e de outro que se dependesse de pessoas como eu, o mundo estaria superlotado e outras piadinhas que nem vale a pena escrever. Quando estava grávida, ouvi de colegas que minha gravidez era desculpa *pra* não fazer as tarefas, sendo que sempre fiz todas. Levar as crianças *pra* faculdade também é bem complicado. Os colegas te olham como se eu estivesse explorando os filhos. Sendo que por dentro eu já estava me sentindo assim. Às vezes dá muita vontade de desistir, seria muito mais fácil.

Entrevistada 2: Já deixei de participar de muitos eventos e projetos por ser mãe. Já apresentei um trabalho sabendo que meu filho estava a caminho do hospital, já ouvi de um professor que na vida dele ele nunca imaginou que filhos seria desculpa para tantas coisas. Mas o que mais me marcou foi chegar em casa as 2 da manhã após perder o ônibus para minha cidade e meu filho estar acordado me esperando pois já tinha uma semana que ele não me via.

Entrevistada 14: Quando engravidei da minha filha tive muita ajuda dos meus professores, direção da escola, e amigos, como eu estudava pela manhã e não tinha como deixar meu bebê pois amamentava, o diretor da escola permitiu que eu *à levasse*, o carrinho do bebê era guardado na escola e todos os dias eu pegava para ficar na sala até eu poder deixar ela na creche, me formei no ensino médio levando minha filha todos os dias para escola. E isso foi muito marcante em minha vida.

Anibijuwon e Esimai (2021), em consonância com esta pesquisa, destacam que são inúmeros os desafios enfrentados por estudantes-mães. Dados da literatura revelam ainda que muitas dessas mulheres enfrentaram situações econômicas de vulnerabilidade, o que, geralmente, é agravado quando são mães solo, dificultando o acesso delas à universidade (FEBRIANTO, 2021, WEKULLO; ISNA, 2020).

A necessidade de políticas institucionais para ajudar na formação dessas estudantes-mães se mostram imprescindíveis para evitar situações de evasão como no caso da entrevistada 17.

Entrevistada 17: Não consegui administrar bem o tempo e conciliar os serviços domésticos e maternidade com os estudos. Me senti perdida em ambas as tarefas. Estava TD a desejar. Tanto os estudos quanto o cuidado com as crianças estavam prejudicados.



Ao observar essas questões, torna-se evidente a importância de identificar os obstáculos institucionais relacionados às mães universitárias. Através do entendimento e visibilidade dessas questões, torna-se possível formar grupos dedicados à construção de políticas institucionais que promovam o acesso, a permanência e o êxito das estudantes-mães. É fundamental investir na formação complementar dos servidores, capacitando-os para lidar com essas estudantes sem preconceitos ou julgamentos. Anane, Adangabe e Inkoom (2021) revelam que as mães universitárias desejam que seus professores sejam mais compreensivos e flexíveis para reprogramar seus horários de aula. Portanto, é crucial que as instituições de ensino superior avaliem situações em que as estudantes-mães se sentiram apoiadas institucionalmente, transformando essas experiências em programas abrangentes que atendam a todas as mulheres nessa condição específica, tais como: creches ou espaços de cuidado infantil, flexibilidade nos horários de aula, assistência financeira, mentoria e apoio psicológico, rede de apoio, recursos educacionais *online*, políticas de ausência flexível e acessibilidade física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres têm conquistado cada vez mais espaços sociais e direitos, antes acessados apenas pelos homens, mas por mais que existam leis, a igualdade entre os gêneros ainda não é uma realidade. Embora com direitos à educação, na prática, as chances das mulheres de terem uma carreira profissional bem-sucedida é bem menor que a dos homens, principalmente para aquelas que são economicamente menos favorecidas, pois estas mulheres são incumbidas de obrigações sociais pouco valorizadas que as sobrecarregam, deixando-as com pouco tempo para se dedicarem aos estudos, por exemplo. Este problema se intensifica quando estas mulheres se casam e se tornam mães.

Concluimos que o IF Goiano – Campus Ceres desempenha de maneira exemplar seu compromisso social ao oferecer uma educação de qualidade às comunidades mais vulneráveis, evidenciado pela notável taxa de sucesso na formação de estudantes-mães. Essa conquista está intrinsecamente ligada ao apoio institucional que essas mulheres recebem, demonstrando a eficácia de estratégias de assistência estudantil existente. No entanto, identificamos áreas passíveis de aprimoramento, as quais necessitam de discussões aprofundadas para fundamentar a criação de políticas institucionais específicas, mais abrangentes e sensíveis às especificidades destacadas nesta pesquisa. Essa reflexão crítica é essencial para assegurar um ambiente educacional inclusivo e equitativo para todas as estudantes-mães no contexto do IF Goiano – Campus Ceres.

Este estudo mostra que as estudantes-mães geralmente se sentem cansadas devido à sobrecarga de trabalho doméstico e da maternidade e têm dificuldades em conciliar a sua vida pessoal, profissional



e acadêmica. A maioria delas são de cursos noturnos, mostrando que existe uma limitação/dificuldade de acesso deste público a outros cursos de graduação da instituição de período integral.

É evidente que é necessário realizar um programa de formação adicional para os servidores. Alguns casos de preconceito e uma tendência a culpar essas mulheres ainda persistem, aproximando-as de estereótipos negativos que sugerem que são irresponsáveis por terem escolhido ou vivenciado a maternidade em suas vidas. Portanto, há uma necessidade de educação e sensibilização contínuas para promover um ambiente verdadeiramente inclusivo.

O perfil das estudantes-mães do IF Goiano – Campus Ceres, em geral, são de mulheres recém-casadas com poucos filhos e/ou filhas, sobrecarregadas de atividades domésticas, obtendo renda financeira através de trabalhos autônomos ou dependendo financeiramente de terceiros. Elas são as principais cuidadoras de seus filhos e/ou filhas com pouca ou praticamente sem ajuda de familiares.

Verifica-se que muitas mulheres possuem êxito em sua formação, o que não diminui a necessidade de políticas institucionais para a promoção de acesso, permanência e êxito. Devido a forma como foi realizado o levantamento de informações acerca de quem são as estudantes- mães dos cursos de graduação, alguns dados podem ter sido omitidos como, por exemplo, a evasão rápida de estudantes-mães dos primeiros períodos, mulheres que desistiram antes de fortalecer relações com outros estudantes e serem conhecidas pelos Centros Acadêmicos.

Sugere-se que o IF Goiano – Campus Ceres e outras instituições de ensino superior, através deste trabalho, estabeleçam políticas de acesso voltadas, principalmente, às mães solo, conseqüentemente melhorando o acesso de todas as mães e promova ações para o acesso destas mulheres em cursos diurnos e de bacharelado. Além disso, sugere-se a criação políticas de promoção a permanência e êxito, para que as estudantes-mães recebam o apoio institucional e todo o respeito que lhes são devidos durante a sua formação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. S. **Mulher e educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

AMORIM, T. C. S. “A formação acadêmica das mães universitárias do campus Clóvis Moura: um olhar para a qualidade”. **Anais IV Fórum Internacional de Pedagogia**. Campina Grande: Editora Realize, 2012.

ANANE, C.; ADANGABE, A. A.; INKOO, D. “Coping Strategies and Perceived Support of Student-Mothers at The University of Education, Winneba-Campus”. **South Asian Journal of Social Sciences and Humanities**, vol. 2, n. 3. 2021.



ANIBIJUWON, I., E ESIMAI, P. “Challenges and Coping Strategies of Student Nursing Mothers in University of Ibadan”. **Oyo State**, vol. 41, n. 1, 2021.

ARAÚJO, T. M.; PINHO, P. S. A.; GUIMARÃES, M. M. “Prevalência de transtornos mentais comuns em mulheres e sua relação com as características sociodemográficas e o trabalho doméstico”. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, vol. 5, 2005.

AZEVEDO, K. R.; ARRAIS, A. R. “O Mito da Mãe Exclusiva e seu Impacto na Depressão Pós-Parto”. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol. 19, n. 2, 2006.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BERGAMO, V. *et al.* “De prospecto um aluno: fatores influenciadores da escolha de uma instituição”. **Base Revista de Administração e Contabilidade da UNISINOS**, vol. 13, 2010.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Editora Porto, 1994.

BRAMBILLA, B. B. “Estado patriarcal e políticas para mulheres: da luta pela equidade de gênero ao caso de polícia”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 5, n. 13, 2020.

CARNEIRO, S. “Mulheres em movimento Mulher, mulheres”. **Estudos Avançados**. vol. 17, n. 49, 2003.

COSTA, C. A.; JESUS, D. J. C.; JACINTO, P. M. S. “Tornar-se mãe: análise fílmica sobre a construção do vínculo na maternidade”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 11, n. 31, 2022.

FEBRIANTO, P. T. “Single Mothers’ Survival Strategies of University Students During COVID-19 Pandemic”. **Society**, vol. 9, n. 1, 2021.

FEITOSA, Y. S.; ALBUQUERQUE, J. S. “Evolução da mulher no mercado de trabalho”. **Business Journal**, vol.1, n.1, 2019.

FRANCISCANI, J. S. **A Mulher no Mercado de Trabalho e a Luta pela Valorização**. Assis: FEMA, 2010.

FREITAS, G.; SANTOS, J.; JACINTO, P. “Inserção da mulher negra no mundo do trabalho: uma revisão de literatura”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 9, n. 26, 2022.

GÓES, F.; MACHADO, F. “A mulher e o mercado de trabalho: permanência e perspectivas”. **Revista Eletrônica do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná**, vol. 10, n. 99, 2021.

GUIMARÃES, A. L. **Por que hoje no brasil mais mulheres buscam o ensino superior?** Trajetórias educacionais, família e casamento em questão (Tese de Doutorado em Sociologia e Antropologia). Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. “Estatísticas de Gênero: ocupação das mulheres é menor em lares com crianças de até três anos”. **Agência IBGE Notícias** [2019]. Disponível em: <www.agenciadenoticias.ibge.gov.br>. Acesso em: 07/06/2023.



KADARKO, E. *et al.* “The Impact of Work-Family Conflict on Working Mothers’ Career Development: A Review of Literature”. **Australian Journal of Basic and Applied Sciences**, vol. 10, n. 11, 2016.

LEONE, E. T.; PORTILHO L. “Inserção de mulheres e homens com nível superior de escolaridade no mercado de trabalho brasileiro”. **Temáticas**, vol. 26, n. 52, 2018.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora EPU, 1986.

MAMABOLO, I.; LANGA, M.; KIGUWA, P. “To Be or Not to Be a Mother: Exploring the Notion of Motherhood among University Students”. **South African Journal of Psychology**, vol. 39, n. 4, 2009.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

MARTINS, C. A. *et al.* “Tornar-se pai e mãe: um papel socialmente construído”. **Revista de Enfermagem**, n. 2, 2014.

MARTINS, F. S.; MACHADO D. C. “Uma análise da escolha do curso superior no Brasil”. **Revista Brasileira de Estudos de População**, vol. 35, n. 1, 2018.

MCINTOSH, B. *et al.* “Motherhood and its impact on career progression”. **Gender in Management: An International Journal**, vol. 27, n. 5, 2012.

MENEZES, R. *et al.* “Maternidade, trabalho e formação: lidando com a necessidade de deixar os filhos”. **Construção Psicopedagógica**, vol. 20, n. 21, 2012.

MORAES, M. G.; SCHWENGBER, M. S. V. “Mulheres e heranças educativas do analfabetismo”. **Revista Reflexão e Ação**, vol. 25, n. 2, 2017.

PINILLA, B.; MUÑOZ, S. “Educational Opportunities and Academic Performance: A Case Study of University Student Mothers in Venezuela”. **Higher Education**, vol. 50, n. 2, 2005.

PINTO, C. R. J. “Elas não ficaram em casa. As primeiras mulheres deputadas na década de 1950 no Brasil”. **Varia Historia**, vol. 33, n. 62, 2017.

PRATES, S. R.; GONÇALVES, J. P. “Educação superior e relações de gênero: atividades domiciliares para mães estudantes de pedagogia”. **Revista Internacional de Educação Superior**, vol. 5, 2019.

SAVAGE, S. “The experience of mothers as university students and pre-service teachers during Covid-19: recommendations for ongoing support”. **Studies in Continuing Education**, vol. 45, n. 1, 2023.

SCHMIDT, N. T. “A dupla jornada de trabalho: reflexão sobre o vínculo da mulher com o trabalho doméstico em contexto de ensino e aprendizagem de sociologia para o nível médio”. **Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais**, vol. 1, n. 1, 2012.

SILVA. A. C. O. **Estudante, Trabalhadora, Mãe: Trajetórias de vida formação-profissão de mulheres universitárias (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia)**. Amargosa: UFRB, 2019.



SILVEIRA, J. C.; FLECK, C. F. **Forte como... uma mulher**: uma análise dos desafios enfrentados pelas mulheres no mercado de trabalho (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Administração). Livramento: Unipampa, 2017.

SILVEIRA, P. **Ser mulher, mãe e universitária**: narrativas de estudantes do curso de pedagogia da universidade federal de Santa Catarina (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia). Florianópolis: UFSC, 2019.

TAUIL, T. I. **Políticas públicas para mães universitárias**: um estudo bibliográfico (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Sociais). Ouro Preto: UFOP, 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

VIEIRA, J.; ANIDO, I.; CALIFE, K. “Mulheres profissionais da saúde e as repercussões da pandemia da Covid-19: é mais difícil para elas?” **Saúde Debate**, vol. 46, n. 132, 2022.

WEKULLO, C.; ISNA, N. “Experiences of students who are single mothers on university campuses: A systematic review from 1997-2019”. **International Journal of Higher Education and Research**, vol. 10, n. 2, 2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 16 | Nº 47 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima